

## Resenhas Críticas

---

PARO, V.H. *Por dentro da escola pública*. São Paulo: Xamã, 1995.

As pessoas interessadas nas questões da escola pública brasileira, sejam elas educadoras ou não, já podem ter em mãos mais um livro fundamental deste pensador fecundo das coisas da escola que é Vitor Paro. Num texto fascinante, ele nos convida a conhecer por dentro uma escola pública de primeiro grau situada numa região pobre da cidade de São Paulo. Convite irrecusável, dada a força dos fatos e da análise com que nos deparamos desde as primeiras linhas.

A opção pelas técnicas qualitativas de análise e pelo estudo de caso de cunho etnográfico pode levar leitores desavisados à conclusão precipitada de que se trata de mais um estudo descritivo de uma unidade escolar que, além de repetir resultados de pesquisas anteriores feitas nos mesmos moldes, resulta em conhecimentos sem representatividade, uma vez que circunscritos à instituição analisada. Triplo

engano. Em primeiro lugar, porque, como o autor assinala, ao procurar entender os acontecimentos inerentes à escola em estudo, a partir de suas relações com a sociedade que a inclui, o pesquisador não perde de vista a realidade social, denominado comum a todos os casos estudados por meio do método etnográfico. Em segundo lugar, porque, se é verdade que perdemos em representatividade estatística — o que, insisto, não lhes tira a representatividade, pelo motivo exposto acima —, os estudos de caso ganham em profundidade de análise, única via de conhecimento de uma instituição da complexidade da escola. Em 1960, ao prefaciar *A Escola numa Área Metropolitana*, de Luiz Pereira (que considero o estudo etnográfico pioneiro da escola pública brasileira), Florestan Fernandes, ao se defrontar com esta questão, encontrou a saída exata: "É certo que as conclusões só são válidas

para o caso particular analisado", ele diz. "Mas, como afirmou com propriedade um dos examinadores, a focalização também vale para outros casos, independentemente do grau de analogia, pois a descrição apanha o próprio *drama* da escola primária brasileira". Por último, porque a repetição pura e simples contida nos estudos etnográficos da escola não passa de aparência. Em verdade, a relação entre eles é de importante complementaridade, que só enriquece as possibilidades de conhecimento da escola pública brasileira: de um lado, ao registrarem a recorrência de certas práticas e processos nas mais diversas unidades escolares, esses estudos tocam no coração dos problemas dessa instituição, ao mesmo tempo que respondem à crítica de falta de representatividade; de outro, iluminam ângulos novos da realidade escolar. O livro de Vitor Paro chega para realizar com competência estas três tarefas no cenário da pesquisa educacional brasileira.

Começando pela apresentação do bairro, da escola e das personagens, Paro desvela pouco a pou-

co as dimensões mais recônditas da vida escolar, até chegar ao embate cotidiano entre os vários subgrupos presentes na escola, que tem no cerne o confronto polimorfo entre usuários e educadores. Lá estão, na escola pesquisada, as relações difíceis e contraditórias entre diretor e professores, entre professores e alunos, entre alunos e funcionários, dos professores entre si etc, tendo como cenário os baixos salários, as más condições de trabalho, a falta de recursos materiais, o desprestígio e o despreparo dos professores, em suma, uma realidade escolar deteriorada pelo descaso contumaz do poder público para com a educação popular; lá estão também, confirmando outras pesquisas, as relações difíceis e desiguais entre usuários e profissionais da escola, permeadas por preconceitos e estereótipos sociais em relação aos pobres, dos quais os professores costumam ser portadores; lá está a polícia, trazendo para dentro da escola a presença assustadora do aparato repressivo; lá está, acima de tudo, o exercício arbitrário do poder pelos educadores, esses profissionais que, descon-

fortavelmente instalados na confluência das vontades inconciliáveis do Estado e das classes populares, transpõem a todo momento a linha tênue que separa autoridade e autoritarismo, acionando a injustiça e o arbítrio no interior da escola. E é exatamente aqui que se encontra o ponto mais alto da pesquisa de Vitor Paro.

Embora ofereça um retrato de corpo inteiro de uma escola pública elementar, Vitor trata, neste trabalho, da questão da participação popular na gestão da escola pública. Se o faz com originalidade, solidez teórica e desenvoltura é porque a administração escolar é território seu desde as suas primeiras publicações. Agora ele se volta para o tema da *partilha ao poder*, seus problemas e perspectivas, seus obstáculos e possibilidades. Convém ressaltar, para os que não conhecem Vitor Paro, que a preocupação do autor com a gestão democrática da escola não tem qualquer parentesco com o tratamento populista ou até mesmo anticonstitucional que o tema da participação costuma receber das autoridades constituídas: a participação a

que Paro se refere não é a participação demagógica, de fachada, consentida pelos que detêm de fato o poder nas escolas; muito menos, a que assume a forma de exploração dos pais, pelas exigências de execução por eles de serviços que são de responsabilidade do Estado, em flagrante desrespeito ao preceito constitucional que proíbe o trabalho não-remunerado em território nacional. Trata-se, isto sim, da luta pela participação efetiva da "comunidade" pobre nas *decisões* de uma instituição que existe para lhe servir, mas que, nas palavras do próprio autor, "deixa seríssimas dúvidas a respeito do real serviço que está prestando à sociedade". Dizendo de outro modo, Vitor quer trazer sua contribuição à tarefa de buscar espaços para a ação da sociedade civil, tendo em vista implementar a necessária oposição permanente dos cidadãos à histórica tendência estatal de não cumprir com seus deveres constitucionais. Para avaliar as condições atuais do exercício do poder na escola pública de primeiro grau, Vitor Paro examina os mecanismos de ação coletiva no interior da escola

(a Associação de Pais e Mestres, o Conselho de Escola, os Conselhos de Classe, o Grêmio Estudantil) e fora dela (a Sociedade Amigos do Bairro, a Associação da Favela, o Conselho Popular, os movimentos populares na comunidade), e constata que eles são fracos, muito mais formais do que colaboração efetiva. A luta pelo poder que se trava neles é muito desigual, em consonância com a lógica do sistema capitalista no chamado Terceiro Mundo. Mesmo sabendo disso, Vitor desafia-nos a transitar na contramão dessa lógica perversa. Ele vem para

nos lembrar que a obtenção da escola popular de boa qualidade não é uma questão técnica, mas predominantemente política, que tem no miolo a luta de todos pela cidadania. Embora ciente da exigüidade do espaço de manobra nas condições históricas atuais, ele nos ensina, como bom gramisciano que é, que só assim poderemos caminhar em direção à realização da utopia da vida digna para todos.

Maria Helena Souza Patto  
Universidade de São Paulo (USP)